

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

CEZAR CANTU E... ANTONIO ENNES, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Vinte e cinco por cento! Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem réplica por um que leu a Biblia*, pelo Padre Rademacker.—SECÇÃO LITTERARIA: *A escola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha*, pelo Padre F. Sanchez.—OS Nossos BISPOS NA CAMARA DOS PARES: *Discurso de S. Exc.ª Rev.ª o Sr. Bispo de Bragança e Miranda na sessão de 12 de março*.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 30 DE ABRIL

CEZAR CANTU

E... Antonio Ennes
Bergeret

Todos sabem a esta hora que o sr. Ennes acaba de tomar a carga o glorioso e difficil mister de *corrigir* e melhorar a Historia Universal de Cesar Cantu. Isto é mais que um facto, é um verdadeiro *acontecimento* para a sciencia historica; commentemo-lo,

Não julgue, todavia, o leitor que o meu commento seja, de qualquer fórma, desfavoravel ao immortal auctor dos *Engeitados*. Ou antes, nem isto é propriamente um commento, senão meramente uma d'essas industrias, por certo licitas, de que um jornalista por vezes lança mão, quando quer encarecer a bõmerencia de um escriptor, e o valor de uma empresa litteraria. Preconisa-a, exalta-a, faz *reclame*, recommenda-a com todos os batedores da louvaminha, como qualquer commerciante, quando lhe chega de Paris alguma preciosa *grande nouveauté*.

Outro tanto faço eu. Louvo *usque ad astra* o arrojado commettimento do sr. Ennes, e dou parabens a Portugal, à Europa e ao Mundo pela esplendida *reforma* que o illustre escriptor vae fazer da obra anachronica de Cantu, grimpan-do-a até á altura dos deslumbrantes progressos scientificos da actualidade. E estes parabens são tanto mais encendrados quanto é certo que nenhum sa-

bio do mundo se atrevera até hoje a reformar a Historia e a critica historica subjectiva do eminente sabio italiano, durante a vida d'elle, nem se julgára com a devida competencia para tal.

De feito, Cantu é sem contradicta o primeiro, em merito, dos historiadores coevos que emprehenderam uma Historia Universal. O plano da sua obra-monumento é tão vasto como nunca o fôra lavra alguma do mesmo genero. A sciencia ethnographica, archeologica, paleontologica, politica, litteraria, economica que n'ella nos revela, só pode explicar-se por muitos e muitos annos consagrados a um estudo tenaz e systematico: o seu alto criterio, cheio de lucidez e de rasgados horisontes, logo á primeira leitura nos faz aperceber o glorioso filho da Italia, d'essa Italia feraz nos homens dados ás profundas concepções philosophicas, e n'essas mentes architectonicas que primam na unidade que sabem imprimir aos seus trabalhos scientificos. A *Historia Universal* tem sido traduzida nas mais das linguas cultas. A Europa pensante curva-se respeitosa ante este padraõ litterario do seculo XIX, embora o não julgue isempto das imperfeições inseparaveis dos labores humanos.

Mas o sr. Ennes não fica a dever nada a Cantu.

As suas provas de sciencia historica estão d'ha muito dadas, e subjugam as exigencias do publico mais difficil.

A proposito de historia, compoz elle tres *Comedias*, das quaes algumas tão achegadas á realidade que seriam simplesmente um capitulo de historia contemporanea, se não fossem... uma calumnia covardé. Além d'isto, dirigio uma carta ao presidente do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro. Mais. Redigio alguns artigos para o *Paiz*, e outros litterarios de grande porte, como—*Faz-me a honra?* e o *Prégador*, para a Revista *Letras e Artes*. Que mais é preciso para ser o critico *competentissimo* do seu respeitavel competidor, para expurgar, ampliar, aperfeiçoar e em summa dar a *ultima damão* á Historia de Cesar Cantu? Que bem, mas que bem não andou a Empresa caixeiral do Rio de Janeiro confiando ao Cantu lisboeta a decada do Cantu milanéz!!

Esquecia-me citar um volume de

uma recente Historia de Portugal, elaborado pelo dicto senhor. E' verdade que elle tem a precaução de nos dizer n'uma advertencia que precede o tal volume, que «o periodo da historia patria que (lhe) foi distribuido na partilha da collaboração, está reconstruido pelo sr. A. Herclano», e portanto «a minha tarefa (accrescenta elle) consiste em pouco—mais do que *repetir como discipulo a lição do mestre*».

Nem tanta modestia, sr. Ennes!... Mal vae a v. s.ª a rastejante attitudo de méro discipulo de Herclano, quando de seu motu proprio se arvora em *mestre* de outro historiador maior que esse. Desculpe a pequena *reforma* que ousou fazer á sua linguagem de humillimo escriptor.

Vamos, pois, ter uma obra *actual*, porque, de facto, a de Cantu ainda na edição de 1869, era obsuleta. Vamos ver desdobrar-se aos nossos olhos em branco a trama historica dos povos e dos tempos apreciada pelo mirifico processo positivista, que desbanca todos os carunchosos processos da critica espiritalista.

O sr. Ennes deixará o *Genezis* a resonar na estante, e dará ao mundo com Jacoliot uma idade de sessenta mil annos e mais, ou pelo menos de vinte mil annos antes de Christo, consoante os calculos feitos sobre o famoso zodiaco de Denderah (*gorla burla*); substituirá o *Fiat* gratuito de Jehová pelo *Fiat* scientifico da materia ao serviço da força, ou melhor com Buchner, da força ao serviço da materia (o que é tão claro e racional que parece impossivel só agora se descobrisse).

O homem será apeado da cathogoria em que o *nescio* Moysès o collocou como uma criação á parte ou como um ente formado á imagem de Deus (o que é nobre de mais), e o sr. Ennes trepará com Darwin á arvore genealogica do macaco mais velho ou do gorila, e inserir-nos-ha de novo na ramificação simiaca que nos pertence. Isto pelo que respeita «às origens do mundo».

Expungirá igualmente da evolução social essa pseudo-intervenção da Providência em que creu o ingenuo Platão, e os não menos ingenuos Pascal e Bossuet. A mesma sorte terá a acção livre do homem, em que também nos faz

crer este ingenuo e boçal do senso intimo, que ainda não educámos scientificamente. Providencia e liberdade humana serão explicadas pelo sr. Ennes, conforme os novissimos principios biologicos e sociologicos, pelo fatalismo na historia e pelo diagnostico pathologico-social de molestias agudas e chronicas da humanidade; melhor ainda, pelo eterno *phosphoro encephalico* de Taine.

Isto é que vai ser uma historia na altura da sciencia! Podia-se-lhe pôr o titulo de *Historia Natural a proposito da historia da humanidade*.

Do Deus humanado que adoraram 19 seculos com a geração dos genios que os illustraram, e que continuam a adorar 200 milhões de homens, o sr. Ennes fará com Renan (o escriptor do *póde ser*) um «mancebo amavel», cheio de boas intenções, de generosidade no coração e até de virtude. A Igreja apparecerá a travez dos seculos christãos como a roda quebrada do grande machinismo social, só propria para lhe empecer o movimento; os Papas trajarão o sanbenito dos réus, a hacha do verdugo, ou o sceptro de ferro dos despostas, e as ordens religiosas irão desfilarão processionalmente desde a idade média até nossos dias para *poser* diante do *atelier* do impagavel caricaturista da Historia. D'esta arte a parcialidade de Cesar Cantu será corrigida pela sezuda *imparcialidade* do immorredouro auctor dos *Lazaristas*.

A imparcialidade é o seu ideal, o invencivel, o implacavel *desiderandum* da sua missão litteraria. Leiam o primeiro volume da «Historia de Portugal» escripta sob sua direcção, e convençam-se. Com que comedimento não falla das relações entre a Igreja e os nossos primeiros reis! E' patente que a paixão não o cega como cegou ao eminente historialor italiano...

Uma empreza d'esta força torna-se, como disse, um acontecimento, ao menos para... a algibeira do *reformador*, que não póde deixar de locupletar-se a valer com a somma numeraria de dezenove ou vinte volumes já traduzidos em portuguez, e que por conseguinte, não exigirão do sr. Ennes quasi nenhum outro trabalho mais que o de intercalar de longe em longe algumas nesgas de *sciencia nuova* nas paginas indigestas da sciencia velha. E' assim que se lucra commodamente com o trabalho alheio. Ha muitas especies de especulações, e *muitos Bergerets sem serem os dos «Lazaristas»*... Quanto a mim, o sr. Ennes deu-nos admiravelmente o typo real da sua comedia. Nada falta hoje para ella ser uma fiel interprete de um episodio interessante, nem a candida Luiza de Magalhães representada a matar pela empreza do Rio de Janeiro.

Io triumpho! Mãos á obra, sr. En-

nes; o seu plano é magnifico por qualquer lado que se eucare; só tem o senão de ser archi-petulante, archi-ridicullo, e archi-inepto, tanto para o «Progresso Catholico» como para o «Jornal do Commercio», de Lisboa.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

Vinte e cinco por cento!

Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica, por um que leu a Biblia.

VI

OS PROTESTANTES NÃO SE CONFESSAM AOS HOMENS, MAS CONFESSAM-SE A DEUS

Muito bem, enquanto a confessar-se a Deus. Nós os catholicos fazemos o mesmo e dizemos. «Eu peccador me confesso a Deus todo poderoso» etc. Mas como nos confessamos para alcançar o perdão de nossos peccados, manifestamos nossas culpas áquelles homens, que Jesus Christo na Biblia, (João. 20, 23) instituiu juizes, para perdoarem em seu nome. Os protestantes, confessando-se a Deus, nunca poderão saber se Deus lhes perdoou ou não, a não ser que o proprio Deus, ou um anjo venha dizer-lho; pois enquanto ao julgar se sua contricção foi perfeita ou não, como é cousa inteiramente subjectiva, sempre serão juizes na causa propria, e por conseguinte suspeitos. Nós outros sim, tendo consciencia de que detestamos o peccado e ouvindo a sentença de absolvição, que sobre nós pronuncia o sacerdote em nome de Deus, e por sua ordem, temos a consolação de saber que nossos peccados foram perdoados, porque a absolvição nos foi concedida em nome do Padre, do Filho e do *Espirito santo*, e sabemos muito bem que não é o confessor que nos perdoa, senão Deus, por meio d'elle, porque *ninguem se não Deus póde perdoar os peccados* (Marc. 2, 7, e Luc. 5, 21). Nós não procedemos como os protestantes, não protestamos contra a palavra de Jesus Christo, crêmos n'ella.

VII

PELO MENOS NÃO ACHARAM OS CATHOLICOS NA BIBLIA A DOCTRINA DA PRESEÇA REAL DE JESUS CHRISTO NA EUCHARISTIA

E' precisamente de todos os dogmas catholicos o mais *biblico*. Tinha Jesus Christo preparado os seus discipulos para a revelação d'esse sublime mysterio,

com os estupendos milagres, da multiplicação dos paes, e de caminhar pelas aguas sem se affogar, quando lhes disse aquellas sempre memoraveis palavras: *Não foi Moisés quem vos deu o VERDADEIRO pão do céu, mas meu Pae vos dará do céu o pão verdadeiro*. O PÃO DO CÉU É AQUELLE QUE DO CÉU VEM, E DÁ A VIDA AO MUNDO (João 6, 32 e 33). O povo ignorante e grosseiro, não entendendo este mysterio, dizia: *dá-nos sempre d'esse pão* (Ib. 24), e Jesus Christo respondia-lhes *Eu sou o pão da vida* (Ib. 35); mas logo lhes explicou mais claramente esse mysterio, ajuntando: *Este é o pão que baixa do céu, para que aquelle que d'elle comer não morra* (Ibid. 50). *Eu sou o PÃO vivo que baixa do céu* (Ibid. 51). O PÃO QUE VOS DAREI É A MINHA CARNE (Ibid. 52). Todavia os judeus, apesar de tudo isto, não atinavam com este adoravel mysterio e perguntavam: *Como póde este dar-nos sua carne a comer?* (Ibid. 53), e Jesus para lhes fazer ver que fallava no sentido litteral e não no figurado, como pretendem os protestantes, respondeu-lhes: *Em verdade, em verdade vos digo* (e notem os protestantes esta duplicada affirmação, que toma o caracter de juramento): *Se não comerdes a carne do FILHO DO HOMEM e não beberdes o Seu sangue não tereis a vida em vós* (Ibid. 54) *minha carne é VERDADEIRA COMIDA e meu sangue VERDADEIRA BEBIDA* (Ibid. 56). E para que não podesse restar duvida, de que desde o principio até ao fim do seu discurso sempre tinha fallado no sentido natural, e não no figurado, concluiu a sua prática, como a tinha principiado, dizendo: *Assim como meu Pae que vive, me enviou e eu vivo por elle, assim tambem o que comer a minha carne viverá por mim*. ESTE É O PÃO QUE DESCEU DO CÉU. *Não como o mandá que comeram rossos paes e morreram*. Aquelle que comer este pão viverá eternamente (Ibid. 58, 59).

E é de notar que tão claras eram as palavras de Jesus Christo, que alguns dos que o seguiam chegaram a escandalizar-se e disseram: *Cruel palavra é esta, e quem poderá ouvi-la?* (Ibid. 61). Porém Jesus, para os confirmar na fé, e para lhes tirar todo o pretexto de duvida, trouxe-lhes á memoria a profecia da sua futura ascensão ao céu como prova peremptoria da sua divindade dizendo-lhes:

Pois que direis se virdes o filho do homem subir ao lugar em que antes estava? (Ibid. 63); e sem embargo já desde esse tempo houve alguns aos quaes esse mysterio desagradou e *Voltaram atraz, e já não andaram com Elle depois d'isto* (Ibid. 67), (justamente o mesmo que fazem hoje os protestantes); mas nós, os catholicos, ficamos com os Apostolos aos quaes perguntou logo Je-

sus Christo: *Se tambem o queriam deixar* (Ibid. 68), e S. Pedro, o Apostolo destinado a ser mais tarde o Vigario de Jesus Christo na terra, contestou formalmente em nome de todos, e em nosso: *Aonde iremos, Senhor; se tuas palavras são de vida eterna? Nós acreditamos que tu és o Christo, Filho de Deus* (isto é, incapaz de enganar-se e de enganar a ninguém) (Ibid. 69). E o que o Divino Redemptor prometeu n'essa occasião a seus discipulos, sabemos pela mesma Biblia, que o cumpriu á risca, porque além do que referem ácerca da instituição do Santissimo Sacramento os evangelistas S. Matheus (cap. XXVI, v. 26, 27 e 28) S. Marcos (cap. XIV, v. 22, 23 e 24) S. Lucas (cap. XXII, v. 19 e 20), S. Paulo disse claramente: Isto recebi eu do Senhor, e isto vos ensino, que o Senhor Jesus, na noite que o entregaram, tomando o Pão, deu graças, partiu-o e disse: «tomai e comei; este é o meu corpo, que por vós será entregue: fazei isto em memoria de mim.»

Nas quaes palavras, nós os catholicos, achamos duas cousas: a primeira, que Jesus Christo tomou em suas mãos o pão e o distribuiu pelos apostolos, dizendo manifestamente que aquelle era o seu corpo, deixando por consequente de existir alli a substancia de pão, para converter-se na substancia do seu corpo adoravel, que é o que chamamos a transsubstanciação; a segunda que pelo imperativo—*fazei isto*—mandou expressamente o mesmo Jesus Christo a seus discipulos, que repetissem d'ahi por diante o mesmo que elle fizera, isto é; que lhes conferiu o poder de operar essa mesma transsubstanciação. E é tão certo, que esta e não outra era a intelligencia d'aquellas palavras, que o proprio S. Paulo tirou d'ellas esta consequencia: logo os que comem indignamente esse pão, comem a sua propria condemnação, por não fazerem o devido apeço do corpo do Senhor.

Que bem fariam os protestantes, se em vez de apregoar tanto a Biblia, aprendessem a lê-la com alguma humildade e fé, e não protestassem contra o que ella diz tão claramente!

PADRE RADEMACKER.

SECÇÃO LITTERARIA

A eschola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha

(Continuação)

Apezar das crescentes perturbações produzidas pela invasão dos povos do Norte, nem por isso a nova arte da

pintura, nascida nas catacumbas pelo influxo das novas crenças, deixou de ser cultivada nos seculos chamados barbaros. (1)

Constantino, antes de abandonar a pristina capital do imperio romano, fez edificar as antigas basilicas de S. Pedro e de S. Paulo, de Santa Ignez e de S. Lourenço, que os pontifices á porfia nas edades seguintes enriqueceram e adornaram d'uma infinidade de pinturas.

O *Triumpho de Jesus* em S. Paulo fóra dos muros é um dos mais bellos mosaicos do sexto seculo.

Luitprand, inimigo dos iconoclastas a concelhos de Gregorio II, decorou muitas igrejas com frescos e mosaicos.

A doação de Pepino, alargando e consolidando o poder temporal dos Summos Pontifices, muito concorreu para o incremento que estes deram ás artes, as quaes encontraram n'elles protectores naturaes, como diz Viardot; e Roma, restaurada pelo papado, tornou-se o centro e a capital do movimento artistico.

Depois que Carlos Magno foi coroado imperador do Occidente, as artes tiveram um grande momento de esperança; pois, que se não deveria aguardar da efficaz protecção d'um principe, amante das letras e das sciencias, que reunia em volta da sua pessoa talentos da tempera do Lombardo Paulo Diacomo, Pedro de Pisa, Paulino de Aquilêa,

(1) Algumas das noticias, que se seguem, relativas aos progressos das pinturas são bebidas nas obras do insuspeito Viardot, que, pela sua hostilidade á Igreja, mereceu ser inscripto no Indice. Se apenas apontamos os progressos da arte na Italia, não é porque desconhecamos que o Baixo Imperio durante a idade-média tambem teve dignos cultores da pintura christã. Sirva de exemplo as innumeradas Virgens bysantinas, á frente das quaes está a Virgem de Santa Maria Maior, que a tradicção attribue a S. Lucas, mas que provavelmente é obra d'um pintor de Constantinopla, que viveu no seculo V, e que é um verdadeiro prodigio de belleza, como diz Villamil:

Aquella physionomia tão doce e tão melancolica e ao mesmo tempo tão simples e magestosa; aquelle menino tão encantador que com a mão direita abençoava o mundo e com a esquerda aperta contra o peito o livro dos divinos ensinamentos; aquella attitude da mãe e do filho tão placida, tão serena, tão nobre e poetica, serão perpetuamente a desesperação dos verdadeiros artistas que pretendem reproduzila ou imitala. Póde até dizer-se que a pintura na Italia, principalmente desde as primeiras cruzadas até Giotto, que a libertou da maneira bysantina, se conservou fiel ás lições dos artistas christãos do Baixo Imperio. A arte allemã, que só verdadeiramente se manifestou no seculo XIV, foi tambem discipula dos pintores bysantinos. E' certo, porém, que é na Italia onde existem maior numero de monumentos da idade-média, sendo por isso alli que melhor se póde estudar a influencia do christianismo na pintura.

do Inglez Alcuino e de seu discipulo Eginhard?

As continuas expedições militares, porém, não lhe deram os lazeres que as artes exigiam, mandando apenas executar alguns trabalhos para a sua igreja predilecta de Aix-la-Chapelle; ao passo que os Pontifices, tranquillos na Italia á sombra da espada victoriosa do grande vulto do seculo oitavo, foram os que tomaram a suspirada iniciativa de impulso.

Adriano I, nas suas cartas a Carlos Magno elogia as obras de pintura ordenadas pelos seus predecessores, não deslizando elle mesmo do nome de amante e protector das artes.

O seu successor S. Leão III mandou executar o fresco na sala do *Triclinium*, construida para a celebração das agapas no palacio de Latrão, a *Prégação dos Apostolos*, bem como o famoso mosaico, que representa a Carlos Magno rodeado da sua côrte, recebendo um estandarte das mãos de S. Pedro.

Desde o nono seculo até o undecimo, as luctas em que se viu empenhada a Italia foram novo estorvo aos progressos da pintura; sobresahindo apenas d'esta epocha as illuminuras com que alguns cenobitas no remanso do claustro adornaram os missaes.

Sobre a influencia e importancia d'estes trabalhos, eis o que pensa Lamennais: «Enquanto a pintura se desenvolvia por uma especie de trabalho organico, os monges, ornando os manuscritos de miniaturas, que ainda hoje tanto se admiram, muito concorreram para o seu progresso.

A arte christã recebeu d'elles o seu verdadeiro caracter.

Penetrados da fé de que vivia a sociedade e inspirados por ella, contribuíram para a creação dos typos, que eram a fórma sensível da mesma fé.

Os entimento da côr e o desenho principalmente lhes deve em parte o seu desenvolvimento.»

São do seculo XI as pinturas das cryptas do Duomo de Aquilêa, de Santa Maria Parmesana de Fiesole, de Santa Maria Prisca de Orvieto, finalmente da cathedral de Sienna, figurando entre outras a *Madonna delle Grazie* e a *Madonna di Tressa*.

São ainda d'este seculo os bellissimos mosaicos de S. Marcos de Veneza, entre outros o *Baptismo de Christo* e a celebre *Palad'oro*.

No seculo XII quando já as crenças se haviam gravado profundamente e a transformação operada pelo christianismo tinha lançado profundas raizes, uma nova arte architectonica, que era a mais completa expressão dos dogmas da igreja, veio á luz.

Operou-se então, seguindo a opinião de Lamennais, uma mudança no

typo geral da fôrma humana, que se harmonisa, allongando-se, com a ogiva estreita e ascendente, que lhe serve de moldura. As imagens perdem algum tanto a belleza physica em virtude das fôrmas delgadas e pouco flexiveis, mas adquirem uma belleza ideal de que não existia modêlo.

Parece que o proprio corpo, mais aligeirado e areo, se espiritalisa.

Não foi, porém, na Italia, aonde poucos monumentos gothicos existem, que mais se fez sentir esta influencia da nova architectura sobre a pintura, como principalmente na Allemanha; podendo servir de exemplo o famoso triptyco da cathedral de Colonia, objecto d'antiga e geral veneração.

Mas caminhamos mais alguns passos, provando que a pintura christã, nascida nas catacumbas, cresceu e se desenvolveu na idade média, e teve o seu apogeo nos seculos XV e XVI, epocha em que o renascimento das artes pagãs quasi a iam soffocand o apertando-a em seus braços sensuaes.

Cimabue, pintor do seculo XIII, continuando apenas a longa cadeia dos artistas christãos, de tal modo se avantajou aos que o tinham precedido que, Vasari, o Plutarcho dos pintores, considera-o como destinado por Deus para fazer reviver a olvidada arte de pintar; asserção, todavia, que é desmentida pelos factos, como temos demonstrado.

A sua formosa Madonna, religiosamente conservada em Santa Maria Novella de Florença, e em honra da qual se fez uma festa publica, conserva todos os traços do ideal christão.

E' verdade que alguém me dirá, que os progressos de Cimabue são consequencia dos primeiros alvôres do renascimento da arte pagã. Que n'este mesmo seculo, Nicolau de Pisa, estudando os baixos-relevos d'um velho sarcophago que representavam a *Caça de Meleagro* aperfeiçoou a esculptura pela imitação do estylo dos antigos e que este impulso dado á esculptura, foi seguido de perto pela pintura, pois, como diz Vasari, a pintura e a esculptura, irmãs nascidas no mesmo dia e animadas pelo mesmo espirito, jámais deram um passo uma sem a outra.

Como, porém, ter por inspirados na arte pagã Cimabue e tantos outros que se lhe seguiram, se conservam todos os caracteristicos do artista christão?

Eu creio que o erro vem de se não precisar bem o que deva entender-se pela palavra *arte*.

Dous elementos igualmente indispensaveis e necessarios entram na sua formação;—a ideia, e a fôrma adequada e exterior que a reveste;—sendo principalmente no typo ideal, formado pelas faculdades estheticas do artista, que está a essencia do bello, objecto da arte.

Ora, o diverso modo de conceber esse typo ideal e de o exprimir em harmonia com os sentimentos, aspirações e crenças já do paganismo já do christianismo, é que constitue as diferenças entre a arte pagã e a arte christã.

E' innegavel que se observa, a partir de Cimabue, uma successiva perfeição de fôrmas, que os pintores italianos e bysantinos não tinham attingido até então.

Mas a fôrma mais perfeita será por ventura um distinctivo da arte pagã? Não é certo que, em todas as idades, os artistas se propozeram vasar os pensamentos que os animavam nos moldes mais perfeitos? E se o não conseguiram, não será isto apenas consequencia da sua inaptidão, imperfeição dos processos e carencia de genio para dar novos impulsos á arte?

Não desconheço que o estudo dos modêlos da arte pagã, d'algum modo concorreu para essa perfeição plastica; mas d'aqui a afirmar que este resultado é só filho da imitação da arte grega, esquecendo completamente a parte activa devida aos grandes talentos artisticos que então se revelaram e á influencia progressiva do christianismo nas bellas-artes, creio haver uma grande distancia.

Os fanaticos do renascimento da arte pagã, admittindo progressos em todas as manifestações do espirito, parece abrirem uma excepção para a pintura christã.

Partindo da hypothese gratuita de que tinha estacionado em fins da idade média, entendem que só quando as artes do desenho começaram a paganisarse pela simples imitação d'um baixo-relevo, é que a pintura se levantou do abatimento em que jazia.

D'ora em diante ninguem dirá que as pequenas causas não são capazes dos maiores effeitos!

Quem supporia que o antigo sarcophago em que tinha sido sepultada a mãe da condessa Mathilde continha em si o germen feracissimo, que, lançado á terra por Nicolau de Pisa havia de nos seculos vindouros produzir o genio de Ghiberti, que fundiu, cinzelou e esculpiu as portas do baptisterio de Florença, dignas, na expressão de Miguel Angelo, de serem as portas do paraizo? O genio de Beato Angelico, d'esse frade sublime, d'esse mystico em cuja retina, no dizer de Emilio Castelar, se pintavam os anjos e os cherubins e de cujas mãos jámais um Christo ou uma Virgem sahio senão entre orações e lagrimas? O genio finalmente de Miguel Angelo, que n'um rapto de inspiração christã vibrou as mais altas cordas do sublime na cupula de S. Pedro, no *Moisés* e no *Juizo final*?

Parece voltarmos aos tempos de ingenua simplicidade em que o Man-

tuano fazia dizer a um de seus pastores:

... ao cão o filho assimilhava,
A' mãe o cabritinho; e co'as pequenas
As grandes coisas comparar soia.

Não será, porém, o alvo a que miram, arrancar ao christianismo as suas glorias e os seus artistas mais nomeados, suppondo que elles beberam o leite viciado da arte pagã de preferencia ao leite puro da mãe legitima, a arte christã?

Mas prosigamos, que em breve nos acharemos face a face com o verdadeiro renascimento, e então daremos a cada um o que é seu; a Cesar o que é de Cesar, e a Deus ou á sua igreja o que de direito lhe pertence.

A pintura, impulsionada por Giotto, discipulo de Cimabue, deu um passo de gigante.

O movimento, o sentimento de vida e acção, mais *bondade* nos rostos, a *expressão* finalmente, eis os grandes segredos que foram revelados ao autor do celebre mosaico *Navicella di San Piero* pelos seus raros talentos.

Exalçado ás nuvens por Dante, Petrarca, Pio II e Angelo Policiano, que lhe fez dizer: *Ille ego sum per quem pictura extincta revixit*, Giotto é um novo florão da arte puramente christã.

Deixaremos em silencio os nomes de tantos outros pintores, que se conservaram fieis á inspiração que lhes vinha da religião catholica, para só nomearmos um, que os rezuma a todos, Fra Giovanni de Fiesole, conhecido mais vulgarmente pelo nome de Fra Beato Angelico com que o appellidaram os seus contemporaneos, admiradores das suas muitas virtudes e genio artistico.

Orgulho-me de ter tido o inaudito prazer de contemplar no museu do Louvre uma das melhores e mais vastas composições do pintor *angelico*, a *Coroação da Virgem*.

Eu não saberia exprimir tão bem as impressões que recebi, como Vasari descobrindo esta obra-prima; por isso do melhor grado lhe cedo o lugar.

«Fra Giovanni excedeu-se a si mesmo... n'um quadro... em que Jesus Christo corda Nossa Senhora, no meio d'um côro de anjos e de uma multidão de santas e de santos... tão variados nas attitudes e expressões, que á vista d'elles se experimenta uma doçura e prazer infinitos.

Parece que os espiritos bemaventurados, se tivessem corpo, não teriam outro no céu; porque não só todas as santas e santos agrupados n'este quadro estão como vivos e tem a mais doce phisionomia, mas até o colorido parece da mão d'um santo ou d'um anjo, semelhante aos que se acham representa-

dos... Confesso, que todas as vezes que vejo esta obra se me figura nova, e quando lhe viro costas julgo não a ter ainda visto bem.

Se Fra Angelico é o pintor que mais se elevou nas azas do espiritalismo christão, pois parece que este bom monge visitou o paraizo e ali tomou os seus modélos, como diz Miguel Angelo, não é comtudo o ultimo dos pintores que a Igreja alimentou a seus ubertosos seios.

PADRE F. SANCHES.

(Continúa.)

Os nossos bispos na camara dos pares

**Discurso de S. Exc.^a Rev.^{ma} o
Sr. Bispo de Bragança
e Miranda
na sessão de 12 de março**

Em primeiro lugar, snr. presidente, devo declarar a v. ex.^a e á camara que, por incommodo de saude não tenho comparecido no parlamento: foi renittente o meu incommodo e alongou-se, e por isso bastantes são as faltas que tenho dado, e é ainda mal convalescido que hoje aqui compareço.

O meu fim principal, snr. presidente, é pedir explicações ao snr. ministro da marinha, a quem desde muito tenho annuciado uma interpellação sobre o estado das missões portuguezas no ultramar, assumpto importantissimo, acerca do qual eu tenho a honra de me ter adiantado em pedir, já de outra vez, a attenção dos poderes publicos, para que do modo que se julgar mais adequado, haja de providenciar-se, e de occorrer ás necessidades moraes das nossas colonias.

O estado da minha saude e das minhas forças pouco me permitirão que eu faça para corresponder condignamente ao que se deve exigir de mim com relação a este assumpto que tão grave é; entretanto, não posso deixar de aproveitar este ensejo para apresentar algumas considerações sobre o projecto que se discute, expondo á camara as minhas ideias na parte, que mais de perto, pôde dizer respeito ao fim que cumpre ter em vista, e isso conforme as poucas luzes que possuo.

Snr. presidente, desejo fazer ver á camara o que nós actualmente temos feito para acudir em parte ás necessidades a que acima me refiro, para ver tambem o que devemos fazer por ora sem maiores esforços, e o que é para desejar que se faça de futuro.

Esta questão de que se está tratando attinge realmente interesses muito consideraveis, tanto no que diz respeito especialmente ás colonias, como a todo

o paiz; e é do interesse de todos que se trate com aquella circumspecção com que esta camara costuma occupar-se de todos os assumptos que são submettidos á sua consideração.

Tem a camara ouvido discutir calorosamente, e com pronunciada feição politica nas precedentes sessões os varios assumptos que, relativos ás nossas colonias, têm sido propostos ao seu illustrado exame. Não cumpre, porém ao especial character, pelo qual tenho voz n'esta casa, seguir os mesmos tramites.

Eu não sou politico, nunca o fui; menos agora o posso, nem o devo ser aqui: Bispo catholico, sou de todos, todos são meus, a todos abraço. Eis-aqui está a minha politica. (Vozes:—Muito bem.)

Não hesito em declarar que a situação, que actualmente está dirigindo os negocios de estado, merece, quanto a mim, completa e conscienciosa confiança, tanto pelo exame dos seus actos, como pelas relevantes qualidades dos cavalheiros que a constituem, aos quaes pessoalmente dedico sincera estima.

De igual sorte professo subida consideração aos illustres membros d'esta camara, que actualmente representam n'ella a opposição á marcha do governo, e para com alguns d'elles são de mui antiga data estas cordeas relações: reconheço a utilidade que para o melhor acerto na gerencia dos negocios pôde resultar do concurso das opposições cordatas; nem de outra sorte pôde conceber-se a feição dos governos representativos.

Não entrará por fórma alguma no espirito das minhas asserções o pensamento de hostilidade, nem de adulação, nem de censura, a pessoas ou a situações, porque entendo que todas as difficuldades com que luctamos, todas as faltas que tem havido, não nasceram da vontade de ninguem; nem é da vontade de ninguem que continuem a existir; mas tem sido uma triste consequencia logica das complicações em que nos temos achado. Nem seria proprio do meu character sacerdotal que eu por fórma alguma discutisse quem quer que fosse; é esse um dos meus deveres, é o que me ensina a doutrina do Evangelho, é o que nos manda o nosso Divino Mestre, quando diz n'uma occasião muito solemne: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat.*

E a igreja consignando este soberano ensino em um dos seus mais solemnes actos, o da instituição canonica de seus ministros, exhorta, que se alguem lhes conhece defeitos, de que os possa accusar, falle desaffrontadamente; mas accrescenta logo: *Memor autem sit conditionis suae.*

Tenho muito presentes estas palavras, porque ainda não ha muitos dias as proferi no desempenho do meu mi-

nisterio, conferindo a sagrada ordenação.

Por consequencia, não poderia nunca ter a intenção de censurar nem situações, nem pessoas. Considero todos estes factos filhos de uma triste consequencia das commoções dos tempos, e cujos resultados de ordinario são mais duradouros do que ellas.

Todos estão accordes em que devemos prestar attenção especial e empregar todos os nossos esforços para a sustentação da autonomia portugueza, o seu decoro nas nossas conquistas, e não menos para promover a civilisação e a moralidade dos povos, qua de nós dependem, e d'aquelles todos, aos quaes a Providencia como que nos chama, para d'elles curarmos.

A necessidade das missões no ultramar portuguez é um corollario dos deveres humanitarios que nos ligam aos seus habitantes. Devemos-lhes providencialmente moralidade e civilisação? Pois arvoremos no centro d'elles o pendão religioso; levemos lá o symbolo sagrado; cravemos n'aquelle solo a cruz; ensinemos ás gentes rudes a religião da caridade, da moralidade, da civilisação. Sem a religião não ha civilisação nem moralidade: a honradez mesmo, se não é absolutamente falsa sem religião, carece pelo menos da sua melhor garantia. A cruz santa do catholicismo é o symbolo de todos esses bens; tambem o é do mais nobre heroismo civico.

As missões são o vehiculo da cruz.

Eu tenho a honra de ser o superior do collegio das missões ultramarinas, e como tal, além de membro, posto que mui indigno, d'esta camara, cumpre-me tomar delicadamente parte sobre o momentoso assumpto de que esta casa do parlamento hoje se occupa.

Tracta-se do triste incidente, a que já me referi, quando de outra vez aqui fallei, o desastre occorrido na Guiné. Tracta-se de remediar esse desastre pela acção da administração civil e militar. Apresenta-se um projecto de lei estabelecendo diversas providencias, e um parecer das commissões sobre o qual versa a discussão.

Eu, como additamento á doutrina do projecto, accrescentarei, que além das medidas alli contidas, as quaes eu voto de mui boa vontade, pois que nunca Amesquinharei os meios, que em condições anormaes, como as do incidente occorrido, os governos do meu paiz pedirem para revindicar o nosso decoro offendido, e garantil-o contra mais offensas; accrescentarei, digo, que não só medidas de força para manter em respeito a representação activa do estado devem ser tomadas, mas não menos, ou mais ainda, não devem ser esquecidas aquellas que só tem a vir-

tude bastante para curar o mal na sua raiz.

Eu encontro no relatório da comissão que reviu aquelle projecto as seguintes palavras:

«Mas como isto só não possa bastar em uma região, cujos indígenas idolatras, privados de civilisação, etc., etc.»

Isto observa a illustrada comissão.

Diz que a força não basta, direi eu o que a dispensa; diz que os povos são idolatras e privados de civilisação; aqui prende a minha reflexão, e apontarei os devidos meios de obviar a essa condição nefasta.

São idolatras, levemos-lhe a fé para que o não sejam; estão privados de civilisação, ensinemos-lhe o Evangelho, entrarão na moralidade, passarão a ser civilisados.

São repugnantes os seus costumes, pendem para um dos extremos, indolencia ou ferocidade, e o estado selvagem os colloca fóra do tracto commum?

A espada, assim, espanca-os, não os melhora; fal-os errantes, e depois vingativos; rariíssimas vezes uteis.

Envie-se-lhes o pendão da paz em lugar da bandeira de guerra; o homem de abnegação em vez do exactor de tributos: falle-se-lhes de caridade, palavra que todos entendem; vel-os-hemos mudados.

O meio unico para aplanar o caminho contra estas difficuldades é o pacifico exercicio do missionario; mas esse exercicio permanente e abundante, porque de outra sorte faz desprestigio.

A missão feita de passagem é inefficaz para poder inculcar a luz da religião nos animos d'estes idolatras. A primeira das condições é deixar de ser idolatra. O meio para isso é levar-lhes a fé pelo Evangelho; mas não só levar-lh'a, manter-lh'a com uma acção continuada, e acompanhada de meios e de signaes que demonstrem o nosso respeito por ella.

Já n'esta camara uma voz muito auctorizada a todos os respeito, a do sr. Andrade Corvo, disse estas ou similliantes palavras:

«O nosso dominio foi curto, mas glorioso; primeiro entrou a espada, atraz da espada a cruz, atraz da cruz o progresso.»

«Depois retirou-se a espada, depois da espada a cruz, atraz d'esta o progresso, o commercio, e as vantagens moraes.»

São estas as palavras d'aquelle illustrado orador.

Agora se nós queremos que se restabeleça a prosperidade, que se active o commercio, que se affirme o nosso dominio, que a nossa espada continue a sustentar-se cavalheirosa e gloriosamente; comecemos por onde devemos começar.

Appareça a cruz no meio d'estes povos, evangelisem-se, adoce-se-lhes os costumes, e a espada só será precisa para representar a magestade, e não para ferir.

N'este sentido, sr. presidente, redigi e apresentei eu já um projecto, que está affecto ás respectivas commissões, cujo andamento aguardo.

Fallando-se, porém, das missões, parece-me que não virá fóra de proposito o indicar quaes os meios, que actualmente temos, para lhes fornecer ministros; o numero de missionarios que desde o anno de 1875 têm sido enviados ás colonias ultramarinas, suas paragens e alguns de seus serviços, e bem assim as condições em que existem actualmente as nossas missões ultramarinas, isto é, o que de presente se está fazendo, e muito mais o que nos resta a fazer.

Eu fui em tempo convidado para exercer o cargo de superior do collegio das missões ultramarinas. Recusei, e devo confessar que a minha recusa não foi por modestia, foi pela minha absoluta falta de forças, pelas minhas poucas habilitações para tão importante commissão, e mesmó pela minha pouca energia para um encargo de tanta responsabilidade.

As forças vão-me abandonando, a idade augmenta e com ella as enfermidades; e se bem que o coração esteja vigoroso e continue sempre todo portuguez e todo catholico, as forças physicas negam-se a acompanhal-o nas suas aspirações, e então, devo confessal-o, mais se aggrava ainda a minha mortificação.

Acceitando, finalmente, a referida missão, devo declarar que só o fiz pondo duas condições ao sr. ministro, que agora dirige os negocios estrangeiros, e então dirigia conjunctamente os da marinha e ultramar.

A primeira foi que não aceitava o character episcopal, pois me era offerecida a nomeação de bispo *in partibus*, porque eu então era conego da patriarchal, e administrava, como vigario geral, a diocese de Portalegre.

A segunda foi que, emquanto eu exercesse as funcções de superior do collegio das missões, a verba destinada para remuneração, ficaria em branco, e seria apenas representada no orçamento por uma cifra.

Não digo isto aqui para a camara, mas porque aquillo que é aqui proferido torna-se do conhecimento publico, e bem é que fique sabido, que nem o interesse me levou áquella acceitação, nem agora, accumulando este serviço com o do regimen da minha diocese, eu por ventura accumulo algum vencimento: não possa o character de ministro da igreja soffrer por mim a pécha de interesseiro.

Passo, pois, concluido este incidente, a expôr resumidamente as condições do

collegio pelo qual as missões são providas.

A lei de 12 d'agosto de 1856, referendada pelo sr. Marquez de Sá da Bandeira, de tão respeitavel memoria, deu existencia legal ao collegio das missões ultramarinas portuguezas da fórma por que se acha estabelecido em Sernache do Bomjardim.

Isto mais foi uma verdadeira ampliação e legalisação, por assim dizer, d'aquillo que já se achava estabelecido, do que propriamente dito uma fundação de collegio de missões para o ultramar portuguez.

O fundador e primeiro doador d'esta instituição tão meritoria da religião e da patria foi um padre, um missionario portuguez da congregação da missão, o sr. D. Verissimo da Serra, ultimo Bispo eleito portuguez de Nanquin. O qual, voltando ao reino depois de 1834, com as esmolos que pôde obter durante suas missões, e com os rendimentos do que possuia de patrimonio de sua casa paterna, em Bombarral, que não eram poucos, estabeleceu o collegio de missões para a China, na propria casa de sua residencia que lhe doou no referido sitio de Bombarral, onde por algum tempo funcionou.

A lei citada, acceitando posteriormente a ideia, ampliou-a, e estabeleceu o collegio de missões para o ultramar em geral; transferiu a sua séde para o antigo seminario do grão priorado do Crato, em Sernache do Bomjardim, reuniu-lhe o de Bombarral, e applicou-lhe para augmento de dotação os fundos das missões da China; anteriormente para as missões do ultramar havia apenas uma secção no seminario do patriarchado em Santarem.

Por varias fórmas de administração foi successivamente passando o collegio de Sernache até 1871, anno em que, pelo decreto de 18 de agosto, o sr. ministro da marinha, José de Mello Gouveia, lhe deu estatutos pelos quaes se governa; o sr. Andrade Corvo, mais adiante, alargou-lhe valiosamente a dotação; tres nomes, com o do sr. Marquez de Sá, que ficarão em memoria benemerita d'esta utilissima instituição.

Entrei no cargo de superior do real collegio das missões em março de 1874: os estatutos dão-lhe o titulo de real. Havia-me precedido o sr. Bispo eleito de Macau D. João Maria de Pimentel, que tendo sido apresentado para a dos Açores, não pôde continuar no cargo que tanto illustrou com relevantes serviços: e tão cabal encontrei eu a administração do collegio, que todo o meu empenho tem sido não a alterar, nem no pessoal, nem no andamento.

N'uma difficuldade momentosa, porém, laborava esta nossa instituição, e pa-

recia irremediavel; era a de realizar as ordenações da maior parte, ou quasi totalidade, dos alumnos do collegio, porque, sendo filhos de familias pouco abastadas, não tinham meios de constituir os patrimonios.

Encontrei avultado numero de alumnos que, habilitados com os estudos e competente idade para ordens sacras, não podiam ser admittidos a ellas por soffrerem aquella falta; lembro-me que de todos só dois tinham patrimonio.

(Conclue).

RETROSPECTO DA QUINZENA

No dia 21 do corrente abriu-se no Porto de par em par os salões da exc.^{ma} sr.^a condessa de Azevedo, para se celebrar alli a primeira reunião installadora da conferencia de S. Vicente de Paulo. E' esta uma das instituições com que mais devem orgulhar-se os filhos do Porto, porque nenhuma como ella está tanto em harmonia com os divinos preceitos de Jesus. Levar a esmola pela calada da noite ao humido albergue, onde muitas vezes falta com o pão uma velha manta que resguarde o corpo regelado do indigente do ar frio que penetra sem piedade por milhares de fendas que formam o tecto gotejante; depôr aos pés da mãe doente e esfomeada o necessario para vestir os filhinhos a finar-se de fome e frio, deitados sobre um montão de palha; levar o sustento á familia envergonhada, que se morreria de fome antes que estender a mão a pedir uma esmola, eis os fins da santa instituição denominada *Conferencia de S. Vicente de Paulo*, que acaba de installar-se na cidade do Porto, que já ha um anno existe em Braga o que muito desejavamos ver implantada n'esta nossa cidade de Guimarães.

Acabamos de receber a Pastoral de S. Exc.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Americo, bispo do Porto, ácerca do Jubileu extraordinario, ultimamente concedido por S. S. o Papa Leão XIII, a que não damos já publicidade, por se achar composto o presente numero, prometendo fazel-o no seguinte.

E' espantoso, assustador o estado da Russia. O nihilismo, furtando-se ás vistas da policia, commette toda a casta de crimes, nada respeitada, tudo desprezada, com tanto que possa satisfazer seus damnados intentos—arrazar o edificio social!

Não ha muito que um magistrado de Moscow, uzando da lei, pronunciou

uma sentença contra um membro da terrivel seita.

As ameaças fizeram que o recto juiz se encerrasse em casa, d'onde não sahio durante muito tempo. Um dia, cedendo aos rogos de sua filha, formosa joven de vinte annos, resolveu-se dar um passeio em carro descoberto. Contento e alegre voltava a casa, quando um tiro, disparado a pequena distancia, o tombou sem vida no regaço da assustada filha.

Como sempre escapou-se o assassino.

A esta seguem-se scenas iguaes todos os dias, não sendo livre de n'ellas entrar o proprio imperador!

A Europa está sobre um valcão que vae mostrando aqui e alli signaes de proxima erupção, e ai d'ella se os governos não tratam de a evitar!

Em França fazem os internacionalistas, republicanos, nihilistas ou o que venha a dar na mesma, por imitar os seus correligionarios da Russia. Aqui o alvo de suas iras é o clero, a Igreja; porque é o clero e a Igreja o mais forte obstaculo que encontram os inimigos da ordem para a realização dos seus intentos.

Não ha muito que escreviam de Tulle o seguinte:

«Acaba de se dar uma scena tumultuosa na cathedral de Tulle, por causa de um sermão prégado por um frade franciscano.

«Tendo o orador deixado escapar algumas *inconveniencias* sobre a instrução secular, de que é ardente adversario, formou-se immediatamente um grupo na igreja e entrou a cantar a «Marselhesa».

«No meio da balburdia, ouviu-se uma voz, gritando: Viva a Communa!

«O tumulto não tardou a assumir proporções mais sérias; um individuo accendeu tranquillamente o seu charuto, e mostrando o punho cerrado ao prégador, vociferou:

«—Venham canhões e metralhadoras para arrazarmos tudo isto! Fora com o padre! etc».

A autoridade appareceu, como é costume, e como de costume fez o que pode fazer um agente da republica. Intimou o sacerdote para não continuar com os seus sermões.

Isto faz-se na Igreja, na casa consagrada á Oração; vejamos agora o que se diz nos banquetes republicanos. Em um que ha pouco tivera lugar em Montsouris, diz «La République Française», o redactor d'um periodico pronunciou as seguintes palavras:

«O clericalismo, é uma lepra que devemos extirpar a todo o custo. O Padre é o inimigo. Guerra ao inimigo que nos importuna. Cortemos-lhes os viveres. D'estes homens nada ha a esperar senão

o mal; é necessario formar em volta da Igreja um cordão sanitario. E' necessario se quizermos democratizar a terra, começar por desmonarchisar o céu».

E disse a verdade o pobre louco! Os doudos têm ás vezes momentos de lucidez que faz pasmar. Na verdade é de urgente necessidade formar em volta da Igreja um cordão sanitario, e não deixar aproximar d'ella, quem vier da Republica, sem que faça quarentena. E finda que seja esta não se devem ainda deixar aproximar sem os revistar bem, tirando-lhe o punhal assassino que costumam esconder no seio, e ver que apòz elles não vá algum barril de petroleo. E á saida tambem é bom fazer nova revista para impedir algum roubo.....

Esperamos que se fará o cordão sanitario em volta da Igreja, e nós, pela nossa parte, faremos tambem por o estabelecer em volta da nossa morada, para que não seja impetada.

E já que dos republicanos nos occupamos vamos sempre dizer um segredo aos leitores. Mas cautella com elle! Não vá saber-se, por que isto por enquanto não é publico.

A chegada a Roma do *general* Garibaldi, d'esse grande amigo da ordem, e das liberdades todas juntas, dizem-me que não tivera outro fim que o conservar na cidade eterna até á sua morte, para então, na occasião dos funeraes, os republicanos poderem fazer uma manifestação ruidosa, *imponente, magestosa*, que faça tremer o Papa no Vaticano e cair feito pedaços o throno do rei Humberto.

Isto foi-nos participado em segredo e cremos que em segredo o farão saber os leitores do «Progresso Catholico» aos seus amigos.

Mas que barulho não vão fazer os amigos de Garibaldi!

Que, para fazer cair o throno do rei Humberto, não terá de ser grande a gritaria, porque está ainda pouco firme; mas para fazer tremer o Papa... isso não basta o gritar da canalha esfarrapada que forma o partido do *general*, porque tambem não tem podido fazel-o tremer as rajadas da impiedade sopradas durante dezoito seculos.

Que caia o throno do rei de *Italia* isso cremos nós, mas o Papa não tremerá; fiquem certos d'isso.

Do artigo principal d'este numero podem saber já os leitores que o *sabio historiador* NV vae reformar a «Historia Universal» de Cezar Cantu, e por isso nada podemos acrescentar; mas furtar-nos ao desejo de trasladar para aqui o protesto que o grande historiador faz no «Jornal do Commercio», de Lisboa, bem como as palavras com que o mes-

mo jornal (!) faz preceder o mesmo protesto sob a epigrapha—*Questão de propriedade litteraria*, isso é que não podemos fazer.

Falla, pois, o «Jornal do Commercio»:

«Publicamos em seguida um protesto do eminente escriptor Cesar Cantu contra uma nova traducção portugueza da sua «Historia Universal».

Não fazemos o mais ligeiro commentario ao justo reparo do illustre historiador. A consciencia publica dirá se elle tem ou não sobejo motivo para o seu protesto.

(Traducção)

«Milão, 1 de abril de 1879.—Por acaso vi annunciada uma nova traducção em portuguez da minha «Historia Universal». Se a lei não tutela a propriedade, eu devo defender o que me é mais caro—o meu bom nome. O traductor propõe-se reformar a obra em harmonia com os progressos realisados pelas sciencias historicas desde 1838, data da primeira edição italiana. Ignora elle portanto que depois d'essa data, muitas edições se fizeram até á de Pariz de 1869, sempre levadas pelo auctor ao ultimo estado das doutrinas e dos factos. E' consequentemente sem razão que se faz suppor a obra como envelhecida, accusando-se de imperfeitas as traducções em todas as linguas cultas da Europa e as duas precedentemente feitas em Portugal. Não conheço estas, porque me não foram communicadas nem pelos editores, nem pelos traductores; e se é verdade que a minha obra é indispensavel na bibliotheca dos estudiosos, as correções e os supplementos deviam ser pedidos ao auctor, ainda vivo.

Ha mais e peor. O traductor quer modificar as minhas apreciações de homens e de factos: libertar a minha critica, com quanto imparcial e desapassionada da influencia das minhas opiniões religiosas e politicas, e do ideal italiano de unidade politica e unidade religiosa. N'uma palavra o meu nome cobriria as opiniões, quaesquer que sejam, do traductor.

Grato pelo penoso encargo que assumiu e pelas obsequiosas expressões que me dirigiu, devo porém declarar que sem razão alguma affirmo que as edições francezas e italianas (e devia acrescentar as hespanholas) que, apesar de se dizerem correctas e augmentadas, em nada importante alteraram o texto primitivo, tendo eu, nas que foram feitas com a minha participação, aproveitado de todas os auctores que elle aponta e dos descobrimentos. Em seguida pergunto a elle e aos honestos portuguezes e brazileiros como se deva qualificar uma semelhante remodelação da obra, do auctor ainda vivo, o qual, se pôde descurar o seu

interesse, não assim o seu nome e a integridade das suas convicções politicas e religiosas, ciosamente conservadas através de ruidosos acontecimentos publicos e de vivas contrariedades pessoasas.

Cesar Cantu.»

Já que nos occupamos n'este lugar de obras litterarias não deixaremos de fallar d'algumas que acabam de publicar-se.

Damos o primeiro lugar a um pequeno folletinho de 16 paginas que tem por titulo—UMA HORA NA PRESENÇA DE JESUS SACRAMENTO.

O titulo de persi é bastante para o recomendar ás pessoas devotas, e cremos que os leitores do «Progresso», e com espejalidade as leitoras, (porque a nossa revista tem muitas leitoras, graças a Deus) se darão pressa em o adquirir, já mais depois de nós lhe dizermos que custa apenas 50 réis, e que lh'o enviaremos, pelo correio, sem augmento de custo.

Ainda não vimos um trabalho tão perfeito sobre o assumpto.

A hora em presença de Jesus Sacramento é devidida em quartos d' hora e estes subdivididos em tres partes de cinco minutos,

A linguagem é repleta de santa poesia e suavidade como o deve ser toda a linguagem que se derige a Jesus Christo; e a alma, hem deve sentir-se durante tão bella leitura.

Devido á penna d'uma virtuosa senhora de Lisboa, que teve a generosidade de nos offerter dois exemplares, que penhorados agradecemos, este livrinho jámais nos cançaremos de recomendar-o.

«Les Tapisseries du Vatican et de l'Italie», tal é o titulo d'uma obra que vae publicar-se em Roma sobre a protecção de S. S. Leão XIII e a que podemos coamar monumental.

E' empreendida esta publicação pelo sr. Pierre Gentili, director da fabrica de tapeçarias dos paços Apostolicos, que se propõe dar em magnificas estampas a reproducção dos magnificos tapetes ou pannos de raz que cobrem as paredes do Vaticano, acompanhando-as de descripções historicas e explicativas.

A obra custará por assignatura 120 francos, pagos em 4 prestações, effectuando-se o pagamento da primeira no acto de receber o assignante a 1.ª caderneta.

Aguardamos a primeira caderneta para mais, detidamente nos occuparmos do assumpto e fazermos o respectivo annuncio.

A «Critica á Critica», tambem já appareceu. Mediante 120 réis será enviada a todos os nossos assignantes que a requisitarem.

E' uma brochura de 122 paginas que bem merece ser lida; e grande, bem grande serviço prestam as pessoas que se encarregarem de propagal-a. N'esta epocha em que tanto se quer apregoar o caduco protestantismo, bom é que obras d'estas se façam chegar a todas as mãos.

O «Liberalismo Desmascarado» tambem já está concluido e á venda, e para os assignantes do «Progresso Catholico» conserva o preço d'assignatura—1\$200 réis franco de porte. São dois volumes com mais de 1:050 paginas.

Visto que fallamos n'esta publicação não será de mais cortar para aqui uma noticia que vem na «Palavra», nosso amavel collega do Porto.

Esta:

«Lemos n'um jornal que o centro republicano de Lisboa incumbiu o sr. Latino Coelho, militar d'alta graduacão de uma monarchia, e ex-ministro monarchico, de escrever um livro de propaganda em que se prove quanto o systema republicano sobreleva ao monarchico. Achavamos mais curial e mais a proposito que o «centro» obrigasse o dito senhor a responder a certas reflexões que o annotador do *Liberalismo Desmascarado* fez no volume 1.º d'esta obra, pag. 361 e seguintes, a um artigo de s. ex.ª; até mesmo para penitenciar o sr. Latino pelas amabilidades de novo genero com que maltratou a «Soberania Popular»—elle o democrata, o republicano de vivas tintas...

A vér se pega a ideia!

O segundo e ultimo volume do *Liberalismo Desmascarado* já se acha á venda. Ou muito nos enganamos ou esta obra dentro de pouco tempo estará esgotada. A seu respeito fallaremos n'ontra occasião mais de espaço, e não faltarão outros que fallem.

Se ella obriga a fallar! Só os Coelhos e latineiros é que guardarão silencio, et pots cause...

Lá se entendem! A conspiração do silencio é tão facil!...

Recebemos a visita do nosso illustrado collega de Goa a «Cruz» e muito nos honramos com a troca que já fizemos.

J. DE FREITAS.